

## Ficção e vivência lésbica em três contos *de Amora, de Natália Borges Polesso*

Paulo Henrique Pressotto  
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
paulopressotto@gmail.com  
<https://orcid.org/0000-0001-5625-4526>

Fernanda Rezende Pache de Souza  
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
frps89@hotmail.com  
<https://orcid.org/0000-0001-8648-3565>

**RESUMO:** A existência de autoras e ficções lésbicas esteve, durante muito tempo, marcada no campo literário brasileiro pela falta de espaço e representatividade. Como consequência do preconceito e do estigma social, o resultado foi o silenciamento dessas vozes. Neste artigo foi analisada a vivência lésbica em três contos de *Amora* (2015), da escritora gaúcha Natalia Borges Polesso (1981). São eles: “Primeiras vezes”; “Flor, flores, ferro retorcido” e “Marília acorda”. O trabalho teve como objetivo refletir acerca da representação de personagens lésbicas existentes nas narrativas referidas, tendo como norte, na interpretação geral, conceitos teóricos de Louro (2008; 2014); Arnés, (2018) e Polesso, (2018; 2020). Com a análise, foram destacados, nas constituições de cada sujeito abordado, o medo, as dúvidas, o afeto e o desejo pelo objeto sexual.

**PALAVRAS-CHAVE:** Natália Borges Polesso. *Amora*. Representatividade. Mulher lésbica.

### FICTION AND LESBIAN EXPERIENCE IN THREE SHORT STORIES OF AMORA, BY NATÁLIA BORGES POLESO

**ABSTRACT:** The existence of lesbian authors and fiction was, for a long time, marked in the Brazilian literary field by the lack of space and representativeness. As a consequence of prejudice and social stigma, the result was the silencing of these voices. This article analyzes the lesbian experience in three short stories of *Amora* (2015), by the Rio Grande do Sul writer Natalia Borges Polesso (1981). They are: “Primeiras vezes”; “Flor, flores, ferro retorcido” and “Marília acorda”. The work aimed to reflect about the representation of lesbian characters existing in the referred narratives, having as guide, in the general interpretation, theoretical concepts of Louro (2008; 2014); Arnés, (2018) and Polesso, (2018; 2020). With the analysis, fear, doubts, affection and desire for the sexual object were highlighted in the constitutions of each subject addressed.

**KEY WORDS:** Natália Borges Polesso. *Amora*. Representativeness. Lesbian woman.



## INTRODUÇÃO

A obra que será tratada, neste artigo, intitula-se *Amora* (2015), uma coletânea de contos da escritora, tradutora e professora Natália Borges Polesso. O livro foi vencedor do Prêmio Jabuti, em 2016, na categoria contos e, em 2020, foi traduzido para o inglês, pela Editora Amazon Crossing. A autora produziu outros trabalhos, como *Recortes para Álbum de Fotografia sem Gente* (2013), ganhador do prêmio Açorianos de Literatura, *Coração à Corda* (2015) e *Controle* (2019), seu primeiro romance solo lançado pela Editora Companhia das Letras. Além de obras literárias, Polesso acumula publicações no meio acadêmico e, em 2017, foi selecionada para a coletânea “Bogotá 39”, projeto que reúne os 39 escritores mais promissores da América Latina, com menos de 40 anos. Nascida em 6 de agosto de 1981, na cidade de Bento Gonçalves, interior do Rio Grande do Sul, terminou seu doutorado pela PUCRS em 2017 e, atualmente, é pesquisadora do Programa Nacional de Pós-Doutorado na Universidade de Caxias do Sul.

A literatura, além de ferramenta de lazer e fonte de informação, pode contribuir para os debates e avanços em diversas temáticas. Para Rosenbaum, “Os elementos da arte não se limitam ao mundo da arte e a crítica pode e deve se servir dos recursos das várias esferas do saber humano [...]” (ROSENBAUM, 2012 p. 229). Dentre as temáticas sociais mais atuais, incluem-se as relacionadas ao sujeito homossexual. Uma literatura feita por homossexuais corrobora para retratar suas realidades e seus anseios pelo fim dos estigmas sociais criados, por exemplo, da figura da mulher lésbica que, por vezes, tem sua existência associada ao erótico e ao fetichismo masculino. Vale ressaltar que a homossexualidade, em momentos da história da humanidade, já foi considerada doença, crime (ainda hoje alguns países a consideram como tal) e em muitos ambientes religiosos continua sendo sinônimo de pecado.

A sociedade, de modo geral, se constituiu a partir de princípios religiosos e patriarcais que culminaram, entre outras coisas, com as diferenças de gênero, que teve como uma de suas consequências a invisibilidade da mulher enquanto sujeito social e político. Essa constituição da sociedade, a partir desse contexto de opressão, caminhou bem-sucedida com o surgimento de alguns movimentos sociais importantes para o processo de transformação do pensamento primitivo e preconceituoso. Entre esses movimentos, o feminismo (mais especificamente a “segunda onda”), que ganhou destaque no final dos anos 1960 e analisou/analisa o espaço ocupado pela mulher (ou a falta dele); bem como a construção social a partir das características biológicas do sujeito, entre outras coisas. Segundo Louro, o feminismo começa a refletir “o modo como as características sexuais são compreendidas e representadas” (LOURO, 2014, p. 26). Aos poucos, essa é uma realidade que está mudando e uma parte da população reconhece a importância e a necessidade de respeitar o direito sexual de cada um e sua diversidade.

Como uma voz que surge pertinente no meio literário contemporâneo, Polesso mantém um olhar atento para os temas LGBTQIA+, principalmente, no que diz respeito à mulher lésbica. Assim, além de dar maior visibilidade e divulgar a obra de uma autora

brasileira, assumidamente lésbica, este artigo tem como objetivo geral refletir acerca da representatividade lésbica existente no livro *Amora* a partir dos contos: “Primeiras vezes”; “Flor, flores, ferro retorcido” e “Marília acorda”. Em cada narrativa será analisada a vivência das personagens, o contexto em que se passa a história e as experiências homoafetivas; além de refletir a respeito da formação/constituição desses sujeitos.

Para tanto, o artigo se baseou numa pesquisa bibliográfica, relacionando conceitos de gênero, sexualidade, comportamentos dos sujeitos no âmbito do *queer*, focando a homossexualidade e a constituição das ficções e personagens lésbicas.

O livro *Amora* (2015) contém trinta e três contos, divididos em duas partes: a primeira, intitulada “Grandes e Sumarentas”, possui um total de 22 contos elaborados de uma forma mais longa e com inter-relação entre personagens lésbicas, na qual encontram-se as três narrativas citadas para análise deste artigo; “Pequenas e Ácidas” nomeia a segunda parte, composta por onze contos curtos e de aspectos líricos e nuances mais reflexivas.

O livro aborda, de modo geral, relações amorosas, descobertas, medos, conflitos e dúvidas, entre outros elementos vividos por protagonistas crianças, adolescentes, adultas e idosas. Vale a pena ressaltar que estes prolegômenos têm o intuito apenas de demonstrar ao leitor aquilo que permeia a obra como um todo.

### FICÇÃO LÉSBICA E SUAS REPRESENTAÇÕES

Se pensarmos a invisibilidade da mulher lésbica e o cerceamento de sua voz, no âmbito literário, retomaremos ao modo da constituição de nossa sociedade; sabendo que esse modo nos impôs como regras padrões heteronormativos e manteve no centro, como detentor do poder, a figura masculina. Grande parte dessas regras prevalece até os dias atuais (mesmo que muitos momentos inconscientemente) e isso colabora para uma sensação de vazio no que diz respeito à representatividade da mulher, principalmente, a mulher lésbica que é o centro deste trabalho. Na prática, significa que as lésbicas, de modo geral, passam a não se sentirem representadas nos espaços públicos, seja na política, na televisão, nos cargos de maior poder e prestígio social, como também, na literatura, ou são representadas de uma maneira equivocada, marcada pelo estigma de uma sociedade notavelmente ainda machista em muitos aspectos e cheia de preconceitos. Para Goffman:

A sociedade estabelece os meios de categorizar as pessoas [...] Um estigma é, então, na realidade, um tipo especial de relação entre atributo e esteriótipo, embora eu proponha a modificação desse conceito, em partes porque há importantes atributos que em quase toda nossa sociedade levam ao descrédito (2008 p. 11-13).

Essa categorização estereotipada coloca algumas mulheres lésbicas mais suscetíveis à discriminação que outras; por exemplo, as “sapatões” mais masculinas que em muitos momentos passam por esse descrédito pelo fato de terem sua aparência mais distante, ou totalmente nula daquilo que entendemos socialmente como feminino. O preconceito em relação a essa categoria (se é que podemos usar o termo *categoria*) de lésbica aumenta à medida que sua presença se distingue e vai contra os padrões, inclusive, dentro do

próprio ambiente homossexual. Em contrapartida, a lésbica “mais feminina”, ou, como algumas pessoas costumam chamar, as “sandalinhas”, sofrem um outro tipo de preconceito, ouvindo frases como: “nem parece sapatão, se veste como mulher”, como se ser lésbica ou hétero se resumisse simplesmente ao comportamento e/ou à vestimenta de cada indivíduo.

Os debates que surgem a partir dos padrões sociais preconcebidos sobre o que é certo ou errado em relação à sexualidade/homossexualidade, se manifestam de acordo com a formação de cada sociedade. A literatura como um elo fundamental – que em sua extensa maioria é o resultado e a inspiração de fatos do convívio social – contribui para o crescimento intelectual social. Sabendo disso, Silveira e Silva fomentam a importância dos escritos literários, dizendo que:

Uma das grandes vantagens da Literatura, como arte, como ciência, é a sua abrangente capacidade de dialogar com todas as demais áreas do conhecimento humano. Quer diretamente, quer sub-repticiamente, como representação socio-cultural, a Literatura abre portas para um diálogo problematizador, pondo em cheque, denunciando, retratando, confirmando, contrapondo polifonicamente vozes e discursos, questionando os mais diversos aspectos do fazer e da conduta humana (SILVEIRA; SILVA, 2018 p. 228-29).

Entende-se, então, que a literatura abre precedentes, como já foi dito, para discussões fundamentais de que, na maioria das vezes, só nos conscientizamos a partir da visão do outro através da leitura de textos literários.

No livro *Amora* (2015), que fala reiteradamente das relações homossexuais entre mulheres (apesar da autora em entrevista, na internet, destacar que seu trabalho “não se trata de um manifesto e sim de um livro de literatura”), percebem-se as intenções de Polesso em destacar na narrativa um olhar que normaliza o afeto humano, independentemente de suas classificações. São intenções valiosas e relevantes se levarmos em consideração o fato de que o afeto e a demonstração de amor por alguém não deveriam ser o foco ou o objeto de constantes estudos e críticas, mas sim, o ódio e a intolerância. Para Bakhtin, “o sujeito do discurso – neste caso o *autor* de uma obra – aí revela sua individualidade no estilo, na visão de mundo, em todos os elementos da ideia de sua obra” (BAKHTIN, 2003, p. 279, grifo do autor). Isso nos faz afirmar que nosso ponto de vista nos leva a defender nosso discurso e automaticamente nossas posições ideológicas; assim sendo, em 2018, Polesso escreveu um artigo no qual, em determinado momento, reposiciona seu discurso sobre a escrita de *Amora* (2015), dizendo:

Fui confrontada também pela questão do ativismo. Talvez, por ser uma voz que recebeu destaque, entre tantas, e que, de certa maneira, cumpre a função de representar um grupo não homogêneo, percebi certa demanda para um posicionamento mais politicamente engajado. Rita Terezinha Schmidt (1994), para quem a crítica feminista está no centro de uma proposta de mudança epistemológica, traz uma perspectiva de pesquisa mais conectada ao sujeito. Para ela, o sujeito feminista que reivindica sua posição específica numa determinada formação sociopolítica e histórica recusa-se a uma pretensa neutralidade, pois seu desejo

de conhecimento é comprometido pelas mudanças que sua pesquisa eventualmente possa realizar sobre as condições reais de sua existência. Assim, o objeto do conhecimento também se transforma de algo já formatado para aquilo que está sendo permanentemente pensado, criticado e reconstruído. Então, dentro de uma proposta que se aproxima à autoetnografia me posiciono aqui dentro do campo literário como escritora, cuja obra tem colaborado para esta discussão, e como pesquisadora, que se interessa pelo mérito e não pode ignorar a própria trajetória (POLESSO, 2018, p. 4).

Consequentemente, pensar a representação nos remete à existência por meio da necessidade de afirmativa dos espaços. O existir lésbico é atestado também no processo de comunicação à medida que se inverte conceitos e ideias obsoletas são quebradas. O surgimento de novas vozes (ou vozes silenciadas) constrói novas perspectivas de interação social em que o desaparecimento total do preconceito é o intuito final, ainda que este seja uma ideia quimérica.

Refletindo a respeito, é possível redirecionar nosso olhar e mudar nossos julgamentos a fim de transformar a ficção lésbica e suas personagens em uma importante fonte de conhecimento dos sujeitos; usando seus relatos na intenção de exercer o respeito e promover a diversidade como algo imprescindível. Mesmo sabendo que nossa capacidade de ver o mundo e, principalmente, os seres humanos, é insuficiente em certos momentos, esse exercício de conscientização nos permitirá ver outras faces das literaturas lésbicas. Segundo Polesso,

As questões evocadas ao pensarmos em literaturas lésbicas (ou lésbicas) não são questões banais, porque se ligam imediatamente com estruturas de opressões danosas a todas as mulheres em menor ou maior grau. Pensar em sua produção, sua viabilização, sua distribuição, sua recepção em livrarias e junto ao público leitor, na academia, na crítica, é uma reflexão necessária e urgente. E, principalmente, são ações, escolhas, práticas e discursos no mundo. Se quisermos modificar alguma coisa no campo literário, que é regido por relações de poder, que são relações de opressão e de hierarquia de gênero, raça e classe, relações capitalistas de exploração e de lucro, precisamos nos colocar numa posição que desestabiliza essas relações pré-estabelecidas. Se ser lésbica pode significar ser rebelde, romper com um contrato, a importância desse ato político se amplia no campo, cria uma frincha. É nela que enfiaremos nossas línguas, é nela que depositaremos nossas palavras (POLESSO, 2020, p. 13).

O espaço social que a ficção lésbica ocupa ainda é demasiadamente inferior se comparado a outros gêneros literários. Mulheres lésbicas sempre foram (quando eram) retratadas quase que exclusivamente pela voz do homem; ou, nas poucas vezes em que uma mulher (mesmo que hétero) tinha a oportunidade de falar sobre se via refém das regras ou impossibilitada por sua posição de “inferioridade” ocupada na sociedade. Em muitos momentos, esse modo de retratar esteve distante da realidade, ou voltado ao fetiche e a uma essência mais erotizada da mulher, enquanto objeto de posse, condizente, em alguns casos, às necessidades sexuais do absolutismo masculino.

A partir disso, essa representação se tornou falha em razão das vivências de homens heterossexuais serem completamente distintas das experiências de mulheres lésbicas. Em muitos casos, as ideias machistas também interferem na constituição dessas personagens que poderiam representar muito mais, ou seja, ir além do ato sexual ou o desejo carnal entre duas mulheres. Nas palavras de Polesso, “A desconstrução e a descolonização dos corpos e das sexualidades é um processo, um exercício de questionamentos, diálogos, escutas e práticas constantes” (POLESSO, 2020, p. 10).

Refletir sobre atitudes que discriminam ou recusam a ideia de igualdade dos direitos sexuais entre mulheres e homens e sobre as questões que geram o apagamento da existência lésbica na ficção é importante para a quebra do obscurantismo e do preconceito. Avolumar os escritos acadêmicos e literários, voltados a novos significados, que incitem novas formas de ler, escrever e ensinar, contribui, paralelamente, para o surgimento de novas críticas e também para o processo de reestruturação cultural. Dessa forma, “[...] as ficções lésbicas não apenas ressignificam e desordenam as tradições, como que, ao colocar em jogo diversas modulações culturais, literárias e retóricas, evidenciam como novas formas coexistem com estruturas dominantes e formações obsoletas” (ARNÉS, 2018 p. 171).

Partindo da premissa de desordem e ressignificação, como formas estruturais hodiernas, as teorias e os estudos acadêmicos estão voltados, de certa forma, com mais frequência, às questões do homem gay do que à homossexualidade feminina propriamente dita e, como diz Laura A. Arnés:

É certo que a visibilidade da homossexualidade constitui um fenômeno do presente que afeta também a produção acadêmica. Também reconheço que, neste século, as sexualidades dissidentes fazem seu ingresso no discurso crítico introduzindo um conflito no campo da representação. No entanto, muitas vezes mesmo aquela teoria crítica consciente dos problemas relacionados às diferenças sexuais – ou seja, o queer, gay e /ou feminista – segue perpetrando o “assassinato simbólico” (LAURETIS, 2000, p. 19) da lésbica. Proliferam, assim, ao longo dos últimos anos, no campo da teoria e crítica literária latino-americana e latino americanista [...] um número maior de análises sobre homossexualidades masculinas e as estéticas que essas sustentam. Contudo, os estudos sobre o lésbico e suas representações literárias seguem sendo quase exíguos (ARNÉS, 2018, p. 176).

O modo como se configura escassa a existência e produção de textos que pensem as lésbicas e suas ficções nos mantém certos de que, mesmo dentro do próprio campo da homossexualidade, essa mulher tende a ser colocada como um dos despojos de seu próprio agrupamento social. Para que esta análise faça ainda mais sentido, levando em consideração a questão do desenvolvimento humano que se inicia no nascimento e segue até o fim da trajetória do sujeito, a ordem dos dois primeiros contos será invertida e não seguirá de acordo com a passagem do livro. Neste caso, a ordem de análise será: “Flor, flores, ferro retorcido”, “Primeiras vezes” e “Marília acorda”.

### "FLOR, FLORES, FERRO RETORCIDO"

É uma história que se passa em 1988, no interior do Rio Grande do Sul, em um bairro pobre, na divisa entre Campo Bom e Novo Hamburgo. A narradora-protagonista é uma menina de oito anos que narra uma sequência de fatos que aconteceu durante sua infância; entre eles, um almoço de final de semana na casa da família Klein, amigos de seus pais e donos de uma das oficinas que ficavam ao lado de sua casa. Durante o almoço e a conversa dos adultos, a menina ouve uma palavra que nunca tinha ouvido antes; a palavra era *machorra*. Momentos depois, ela percebe que a pessoa da qual os adultos falavam, a tal machorra, era a outra vizinha, que também tinha uma oficina ao lado de sua casa. Num ímpeto de curiosidade, ela pergunta aos presentes o que aquilo significava:

O fato que mais se enraizou na minha memória desses almoços foi um dia em que ouvi a seguinte frase: como pode uma machorra daquelas? E eu, curiosa que era, rapidamente perguntei o que era uma machorra. Silêncio completo, minha mãe começou a rir de um jeito esquisito, era embaraço. Os homens coçaram a cabeça e se enfiaram rápidos dentro dos copos de cerveja que bebiam. A mãe da família Klein estava tão estarecida que aquela palavra tivesse ido parar na minha boca que começou a rir também. Minha mãe tentou remediar. Cachorra, minha filha, cachorra. Mas eu tinha certeza que tinha ouvido machorra e insisti. Eles mudaram de assunto e me ignoraram (POLESSO, 2015, p. 29).

Em outro momento, com sua mãe em casa, a menina, ainda inquieta com o termo, insiste na tentativa de receber uma explicação mais satisfatória dessa vez, e escuta da mãe:

É uma doença, minha filha. A vizinha é doente. Voltei para o quarto quase satisfeita. Se era doença, por que não tinham me dito logo? Fiquei pensando se era contagiosa, mas concluí que não era, porque a mecânica estava sempre cheia. Voltei para a cozinha. Doença de que, mãe? Minha mãe mais uma vez colocou a mão no rosto e respirou fundo. De ferro retorcido que tem lá naquele galpão. Eu não sabia que se podia pegar doenças de ferro retorcido, mas me dei por satisfeita quando no outro dia a professora explicou sobre o tétano (POLESSO, 2015, p. 29-30).

O processo de formação do indivíduo, principalmente nos anos iniciais de sua vida, está muito ligado ao fato de receber informações novas e variadas o tempo todo. Em muitos casos, esses indivíduos, durante esse processo de constituição de suas personalidades, não detêm a consciência adequada para filtrar com clareza aquilo que está certo ou errado (ou, aquilo que julgamos como certo e errado). Dizer que uma *mulher machorra* é uma mulher doente, certamente será um discurso infeliz que, de algum modo, continuará a ser reproduzido na sociedade. Mesmo quando todos os termos pejorativos destinados à homossexualidade começarem a fazer sentido e terem um significado na cabeça de uma criança, em algum momento de sua vida o reflexo do que ouviu dificilmente não será o preconceito.

No conto, a protagonista com sua inocente intenção de ajudar uma pessoa “doente”, colhe algumas flores no jardim e escondida as entrega à vizinha, com um bilhete, desejando melhoras. A mãe descobre, e a situação não sai como ela desejava:

Ao meio-dia, quando eu voltava da escola, vi que as flores não estavam mais lá e sorri contente, porque ela as tinha recolhido. Entrei em casa feliz e saltitante, mas minha alegria foi quebrada em pedacinhos quando vi a cara da minha mãe, com o copo na mão, perguntando o que eu tinha na cabeça. Eu expliquei para minha mãe que, se a vizinha estava mesmo com machorra, seja lá que doença fosse aquela, alguém precisava ir lá e desejar boas melhoras. E foi o que eu fiz. Minha mãe me abraçou bem forte e disse que eu era uma ótima menina e que por isso eu não devia brincar perto da oficina. Eu perguntei de qual e ela disse que era a da vizinha. Então eu perguntei se eu podia brincar perto da oficina do senhor Klein e ela disse que sim. Eu saí para falar com a Celói, porque não me interessava brincar em oficina nenhuma (POLESSO, 2015, p. 30).

Celoí, por sua vez, era a amiga de várias brincadeiras; era filha do Sr Kuntz, o dono do mercado da frente da sua casa. Em um dos encontros para brincar, a garota pergunta à amiga sobre a tal doença:

A Celói revirou os olhos como quem chama alguém de ignorante, não disse nada, me pegou pela mão e me levou até o quarto dela, pegou um ursinho peposo e duas barbies. Muito bem, não eram barbies, eram imitações, mas davam para o gasto e serviram muito bem para o que ela me explicou. Eu tinha oito anos, a Celói tinha onze ou doze. Ela pegou uma boneca e o ursinho e começou a explicação. Esse é o homem e essa é a mulher, quando os dois se amam, vão para o quarto e ficam assim — e colocou um em cima do outro —, teu pai e tua mãe fazem isso e é por isso que tu existe e teu irmão também. Eu sacudi a cabeça e tentei acompanhar o raciocínio. Depois ela pegou as duas bonecas, fez a mesma coisa e disse que tinha gente que fazia daquele jeito. Isso é machorra, mas é feio falar isso, meu pai disse (POLESSO, 2015, p. 31).

No entanto, a explicação ainda não havia sido suficiente para que ela pudesse entender o sentido de ser de fato uma machorra:

O fato era que bonecas eram bonecas, ursos eram ursos e machorras eram machorras. A Celói tentou de novo: vamos ver, por exemplo, tu gosta mais de boneca ou de carrinho? Depende qual boneca e qual carrinho. A Celói revirou os olhos daquele jeito. Prefere dançar Xuxa ou brincar de pegar? Eu não sabia responder, porque tudo dependia e eu não estava entendendo aonde ela queria chegar. Tá bem, gosta de rosa ou azul? Gosto de verde. Meu deus, essa é sua última chance, gosta mais de mim ou do Claudinho? O Claudinho era um guri da rua que a Celói achava lindo. De ti, é claro, eu respondi. Então tu é machorra, ela falou sem paciência (POLESSO, 2015, p. 31).

Não é de agora que a palavra *machorra* é utilizada para denominar mulheres lésbicas. Certamente, surgiu no intuito de hostilizar suas características, ou, simplesmente, como uma intenção equivocada de “ofensa”. É equivocada, pois a palavra significa: *Fêmea estéril, infecunda*. Esse significado nos faz pensar numa forma falha em ofender a uma mulher



que se relaciona com outra mulher. Mas sabemos também que essa forma de ofensa está ligada ao imaginário coletivo popular (principalmente, os mais antigos) de que casais homossexuais não poderiam ter filhos; ou, ainda, pela formação sufixal da palavra que nos remete ao masculino *macho* que caracterizaria uma lésbica mais masculinizada.

O título do conto faz uma ligação interessante entre contexto e personagens. *Flor* (o nome da personagem lésbica), *Flores* (aquilo que a criança utiliza como demonstração de afeto a uma pessoa doente) e *Ferro retorcido* (elemento que existe em uma oficina), mas que colocado dessa forma “retorcido” nos aponta para uma sensação de ser um ser retorcido da realidade, retorcido do que é certo ou retorcido do padrão.

### “PRIMEIRAS VEZES”

Quando uma pessoa atinge uma determinada idade, mais especificamente na adolescência, uma das sensações mais expressivas é que existir torna-se uma das coisas mais conflitantes do universo. Normalmente, medos, incertezas e inseguranças são revestidos de uma rebeldia camuflada de coragem que se mistura entre sorrisos efusivos e choros melodramáticos (claro que não podemos generalizar), mas ser adolescente, na maioria das vezes, é viver em constantes e consideráveis mudanças em períodos curtos de tempo; é viver uma indagação atrás da outra. Sobre quem você é, sobre aquilo que gosta, inclusive, sobre sua sexualidade. Entre estranhamentos familiares e amizades, ser adolescente é um caminho de descobertas. E, apesar de todo esse turbilhão de sentimentos, quase tudo o que se precisa, nessa época da vida, são “necessidades tão ingênuas” (POLESSO, 2015, p. 7), que se resumem a coisas simples. Ser uma adolescente ou um adolescente homossexual redobra todas essas circunstâncias.

No conto intitulado “Primeiras vezes”, como o próprio título brinca, narra-se a história de uma menina de 17 anos que, literalmente, teve duas primeiras vezes, uma com um menino e a outra com uma menina. O narrador, em terceira pessoa, dá vida à protagonista cujo nome não é falado no texto que começa com um desabafo enfatiado e repleto de desânimo de tom efebo, por ainda ser uma garota virgem: “Não aguentava mais aquilo de ser virgem. Dezesete anos e parecia um pecado. Estava cansada de mentir para as colegas sobre como tinha sido sua primeira vez” (POLESSO, 2015, p. 5).

Estudante de uma escola pública tradicional, a protagonista tinha os dois últimos tempos de suas aulas, de sextas-feiras, quase que obrigatoriamente reservados para idas a um dos bares próximos à escola: “Bar de skatista onde se vendia cerveja por preço razoável e todos os tons de licor bols, consumiam-se drogas ilícitas diante dos olhos de todos, sendo que maconha era a mais comum — ela não, não gostava de drogas ilícitas até então.” (POLESSO, 2015, p. 5). Num desses dias, mais um do mesmo ritual, ela e o grupo de amigos se reuniram mais cedo que o normal para a saída da escola:

Todos para o bar número dois. Seguiu o fluxo. Todos entraram, todos sentaram, todos beberam, todos levantaram para ir dançar, como um cardume, eles não se separavam. Até que uma amiga a puxou pela mão para fumarem um cigarro. Ela não fumava. Ela não gostava de cigarro. Lembrava que seu pai, embora

fumante, nunca tinha fumado um cigarro sequer dentro de casa. Acendeu. *Deu duas tragadas e foi interrompida por uma voz muito grave lhe dizendo que não era daquele jeito que se fumava* (POLESSO, 2015 p. 5, grifo nosso).

No trecho citado, na última linha, a voz que soa imponente é a de Luís Augusto, um menino gente boa que acaba se tornando o namorado da protagonista: [...] “o que sentia por ele era inversamente proporcional à sua nota em física. Era ruim em física. Era boa em gostar dele. Contudo, tinha uma coisa. Aliás, duas: a mentira da não virgindade e o assunto nunca tocado.” (POLESSO, 2015, p. 6). Essa “coisa” que no texto aparece como algo que nunca era colocado em pauta, era o fato de que a protagonista gostava de sua amiga Letícia. Inclusive, dias antes de conhecer Luís, “estivera com Letícia, sua colega fumante” (POLESSO, 2015, p. 6), meio bêbadas, no sofá da sala, as duas conversavam sobre coisas aleatórias, “como o mundo era bizarro” (POLESSO, 2015, p. 6).

Entre tantas conversas, falaram também “sobre como ela tinha vontade de beijar a boca vermelha de Letícia; e depois sobre como Letícia gostaria que aquilo acontecesse desde que o Vitor estivesse junto” (POLESSO, 2015, p. 6). Nesse trecho em que a vontade da protagonista de beijar Letícia aparece, aparece também um elemento que nos remete ao desejo e a paixão, muito condizentes à idade de adolescentes; a cor vermelha da boca de Letícia, de um modo muito sutil, é posto como o desejo iminente de se chegar ao ato sexual. Mas alguns desejos, em algumas pessoas, assustam e causam medo:

Aquilo tinha se enraizado intensamente nas suas sensações diárias. A boca vermelha de Letícia. Os pensamentos há anos presos num lugar escuro da cabeça, agora soltos em palavras. Palavras que foram parar na cabeça de Letícia. Nunca tinha confessado aquelas coisas a ninguém, e, durante todas as sextas-feiras que se seguiram até o dia em que foi para a casa de Luís Augusto Marcelo Dias Prado, parecia que jamais as tivesse confessado (POLESSO, 2015, p. 6).

Em outro momento do conto, revela a sua *primeira vez* com Luís. Depois de ter percebido que não havia sido como imaginava, “concluiu que todo o antes tinha sido melhor do que o durante” (POLESSO, 2015, p. 6); nos dias seguintes, passou a fugir de Luís Augusto. Em outra passagem, o grupo de amigos da escola decide fazer uma festa, chegando lá “atrás de uma fumaça esbranquiçada, viu Letícia sentada numa cadeira de palha ao lado da churrasqueira. Copo na mão.” (POLESSO, 2015, p. 7). Em determinado momento, enquanto todos bebiam e dançavam, “Letícia a puxou pela mão para fumarem um cigarro” (POLESSO, 2015, p. 7) e, dentro do carro, entre modos desajeitados e beijos desencaixados, mas de modo natural como é colocado pela autora, e como qualquer relação deve ser vista, mais uma vez sua primeira vez. Depois disso, a vida seguiu normal: “A Letícia seguiu namorando o Vitor até o fim do ano. A turma continuou matando aula às sextas-feiras. E ela passou em física.” (POLESSO, 2015, p. 8).

Provavelmente, se olharmos para o conto de modo superficial, veremos apenas a história de duas amigas que, em determinado momento da amizade e de suas vidas, decidem juntas viver uma experiência homoafetiva. Mas, aprofundando a leitura, é possível perceber que ambas carregam em si referências culturais do padrão heteronormativo e

que seus desejos se escondem no medo e na vergonha. A protagonista se sente, talvez, inconscientemente, pressionada a não ser mais virgem e talvez só tenha chegado a ficar com um garoto pela necessidade de não ser mais a menina sem experiência sexual do grupo. De outro lado, temos Letícia que, apesar de a narradora não deixar claro se essa experiência é recorrente, sente-se atraída pela amiga e protagonista do conto.

No trecho em que as duas amigas conversam meio bêbadas no sofá da sala, falando sobre assuntos aleatórios, revelando o desejo de uma beijar a outra, Letícia confirma a hipótese, desde que o namorado esteja presente. É possível pensar, nessa condição de Letícia, como uma forma de garantir os aspectos de sua heterossexualidade, porém, no momento em que Letícia puxa a amiga até o carro, Vitor não está presente.

Sabemos que há uma pressão social para que nossas sexualidades sejam de imediato definidas por meio de alguns ideais normativos e que a heterossexualidade seja a nossa única opção. Sabemos, também, o quanto é comum uma criança ouvir, de familiares próximos, as perguntas sobre os “namoradinhos e namoradinhas”, impondo, no inconsciente da menina e do menino, que existe uma regra, uma pressa no tempo e um padrão. Muito daquilo que reproduzimos é reflexo do que culturalmente nos foi ensinado. Se os preceitos heterossexuais não são seguidos, em algum momento, seus desejos e convicções serão colocados à prova a fim de serem conferidas as razões pelas quais a mulher “torna-se” lésbica. Pensando nesse tornar-se lésbica em que “não é o momento do nascimento e da nomeação de um corpo como macho ou fêmea que faz deste um sujeito masculino ou feminino. A construção do gênero e da sexualidade dá-se ao longo de toda a vida, continuamente, infundavelmente.” (LOURO, 2008, p. 18). Outros preconceitos popularmente destacados entre algumas pessoas mais antigas e alguns grupos religiosos relacionam a constituição da lésbica como reflexo de algum trauma decorrente de relacionamentos heterossexuais mal sucedidos, ou, simplesmente, à falta de “experimentar” o sexo oposto (como se tudo estivesse resumido ao ato sexual entre duas mulheres). Esse pensamento nos remete a mais um tipo de preconceito do senso comum.

### “MARÍLIA ACORDA”

“Marília acorda” é a história de um casal de idosas. O conto é uma espécie de observação interna da protagonista que reflete, de um modo muito afetoso, sobre a rotina dos domingos em casa. A narrativa se passa em apenas um domingo e, desde a hora que acorda até a hora de dormir, ela observa as coisas que sua companheira de vida, a Marília, faz. A percepção que temos, ao ler o texto, é que as duas já não desfrutam mais da mesma disponibilidade física de antes:

Eu pego a sua mão inquieta e, antes de abrir os olhos, percebo que não vai bem. Pergunto o que ela tem. Ela me diz que está esquecida. Eu replico que estamos. Ela me olha triste e diz que fez o café sem o pó e queimou os pães na torradeira. Eu desalinho a testa num não entendimento e ela repete que fez o café sem o pó, que deixou só a água fervendo na moca e que, ao servir apenas água nas xícaras, ficou um minuto parada sem entender, por isso, os pães queimaram na torradeira.

ra. Ela me diz que está velha e esquecida. Eu digo que somos velhas esquecidas (POLESSO, 2015, p. 68).

Depois disso, as duas saem para o jardim da casa para um banho de sol. Há uma calma melancólica na leitura do conto que se mistura com a forma silenciosa de afeto e atenção uma pela outra:

Ela pega uma manta de tricô que temos desde não sei quando e põe sobre as minhas costas. Ela aperta meus ombros com muita força, porque mesmo depois de todos esses anos, não descobriu a medida certa do carinho. Eu gosto. Porque entendo que naquele ato, naquela força está o nosso carinho (POLESSO, 2015, p. 69).

Ainda no quintal, as reflexões continuam sob o sol que começa a esquentar. Na manhã de domingo, a protagonista, que não tem seu nome revelado, continua refletindo sobre a vida que levam juntas, atrás dos muros que as escondem do mundo. Em determinado momento, questiona-se sobre a existência das duas ali, naquele lugar, também sobre o medo da morte e de ficar sozinha sem Marília ou vice-versa.

Ali, ali naquela casa, moram duas velhas. Moram ali faz anos essas duas velhas. Acho que essas velhas têm alguma coisa, moram juntas faz anos. Ali na casa das velhas estranhas. Duas velhas estranhas, Marília e eu. [...] Eu tenho medo. É justo que eu tenha medo. Mas não é justo que mostre isso para ela. Marília é medrosa, parece dura, mas morre de medo. Eu morro de medo ainda e de novo e todos os dias rezo para que morramos juntas porque eu não vou suportar ficar sozinha, nem ela. [...] Então eu rezo. Eu rezo para que sejamos juntas tão juntas como sempre fomos, agora e na hora da morte (POLESSO, 2015, p. 69-70).

Nessa parte do conto, em que a protagonista enfatiza o medo da perda em relação à companheira, demonstra, exatamente, aquilo que já foi dito sobre os sentimentos serem relativos a qualquer ser humano, independente de sua sexualidade. Qualquer indivíduo é capaz de sentir o medo de perder uma pessoa que ama.

No entanto, se pensarmos, a partir da homossexualidade, esse medo pode estar relacionado também às questões do preconceito social, além da insegurança e das dificuldades na fase idosa da vida, vistas por algumas pessoas, de encontrar um novo parceiro(a) nas relações homoafetivas.

Se o retrato sensato de uma história de amor, entre duas mulheres, é coisa difícil de ser vista, o amor entre duas mulheres idosas é ainda mais. Talvez esse fato se deva à falta de interesse do público, ou, simplesmente, pelo etarismo advindos de estereótipos, criados pela sociedade com relação à pessoa idosa.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os três contos selecionados para as análises e discussões são significativos para as mudanças de hábitos culturais que nos remetem ao preconceito dirigido a mulheres homossexuais. Em “Primeiras vezes”, a figura de uma jovem, que tem duas experiências sexuais distintas, nos faz pensar sobre as pressões sociais que são impostas aos jovens,

desde muito cedo, sobre suas sexualidades. Em “Flor, flores, ferro retorcido”, há uma mulher adulta, que vive sob o julgo de sua vizinhança em relação à sua postura e condição sexual. “Marília acorda” é uma narrativa que nos leva ao mundo intrínseco de duas senhoras e seus medos pela censura do *outro*.

Essas são histórias de um livro de contos ficcionais, mas com motivações reais as quais nos levam a pensar que estudos como este são demasiadamente necessários, a partir do momento que relações homoafetivas entre mulheres estão presentes para além da ficção e nos ajudam a entender como a mulher lésbica é vista na sociedade. Esses contos nutrem a garantia do direito da mulher lésbica de falar e expor suas opiniões e posicionamentos, não somente na literatura, pois, afinal, o discurso das diferentes vozes produz sentido e anseios.

*Amora* é um símbolo que revela, dentro da perspectiva moderna, o excerto da mulher lésbica, com todas as suas profundidades e estranhezas de sua essência, com aquilo que se torna normal dentro das anormalidades julgadoras. Neles, as personagens se tornam recursos para mudanças, que transitam sua existência na resistência. Como seres *queer*, por assim dizer, atestam suas fragilidades do antagonismo nas lutas de suas vivências. Para Guacira Lopes Louro, o sujeito *queer* é:

[...] estranho, raro, esquisito. Queer é, também, o sujeito da sexualidade desviante – homossexuais, bissexuais, transsexuais, travestis, *drags*. É excêntrico que não deseja ser ‘integrado’ e muito menos ‘tolerado’. Queer é um jeito de pensar e de ser que não aspira o centro nem o quer como referência; um jeito de pensar e de ser que desafia as normas regulatórias da sociedade, que assume o desconforto da ambiguidade, do ‘entre lugares’, do indecível. Queer é um corpo estranho, que incomoda, perturba, provoca e fascina (LOURO, 2008, p. 7-8).

A teoria *queer* é um dos componentes teóricos mais abrangentes para compreendermos a diversidade existente no sujeito lésbico da nossa realidade, como também em cada um dos três contos estudados até este momento. Ela atua como base para aprofundar nosso conhecimento na individualidade e na essência lésbica representada no mundo e auxilia na reconstrução de um novo ser social não mais marcado pelo preconceito e seu esquecimento.

As personagens aqui abordadas revelam a ex-centricidade do *queer*, os contrastes da homossexualidade feminina presente no nosso convívio social; revela ainda que a diversidade existe em nossas vidas, meninas, mulheres e idosas lésbicas estão presentes no mercado de trabalho, nas escolas, nas universidades, na igreja e na política independente de ser uma vontade coletiva ou não. Portanto, é fundamental que o diálogo, pautado no respeito, continue transitando nas esferas educacionais e políticas, bem como no âmbito literário.

## REFERÊNCIAS

ARNÉS, Laura A. Ficções Lésbicas: ponto de vista e contingências. *Criação & Crítica*, nº 20, 2018.

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da Criação Verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

GOFFMAN, Erving. *Estigma*: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro : LTC, 2008.

- LOURO, Guacira Lopes. Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. **Pro-Posições**, Vol. 19, n. 2 (56), maio/agosto, 2008.
- \_\_\_\_\_. **Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.
- \_\_\_\_\_. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.
- POLESSO, Natalia Borges. **Amora**. Porto Alegre: Dublinense, 2015.
- \_\_\_\_\_. Geográfias lésbicas: literatura e gênero. **Criação e Crítica**, Dossiê Sáfico, nº 20, 2018.
- \_\_\_\_\_. Sobre literatura lésbica e ocupação de espaços. In: **Estudos Literários Brasileiros Contemporâneos**. Brasília, n. 61, 2020.
- ROSENBAUM, Yudith. Literatura e psicanálise: reflexões. **Revista FronteiraZ**, São Paulo, nº 9, dezembro de 2012.
- SANTOS, Ana Valéria Goulart dos. Representatividade lesbiana na obra *Amora*, De Natalia Borges Polesso. **RELACult** – Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade. Vol. 4, ed. Especial, fev/2018.
- SILVEIRA, Emerson José Sena. SILVA, Joel Cardoso da. Muralhas religiosas dentro do seminário católico: homoafetividade e religião na obra *Em nome do desejo*, de João Silvério Trevisan. **Teoliterária**, Vol. 8, nº. 15, 2018.